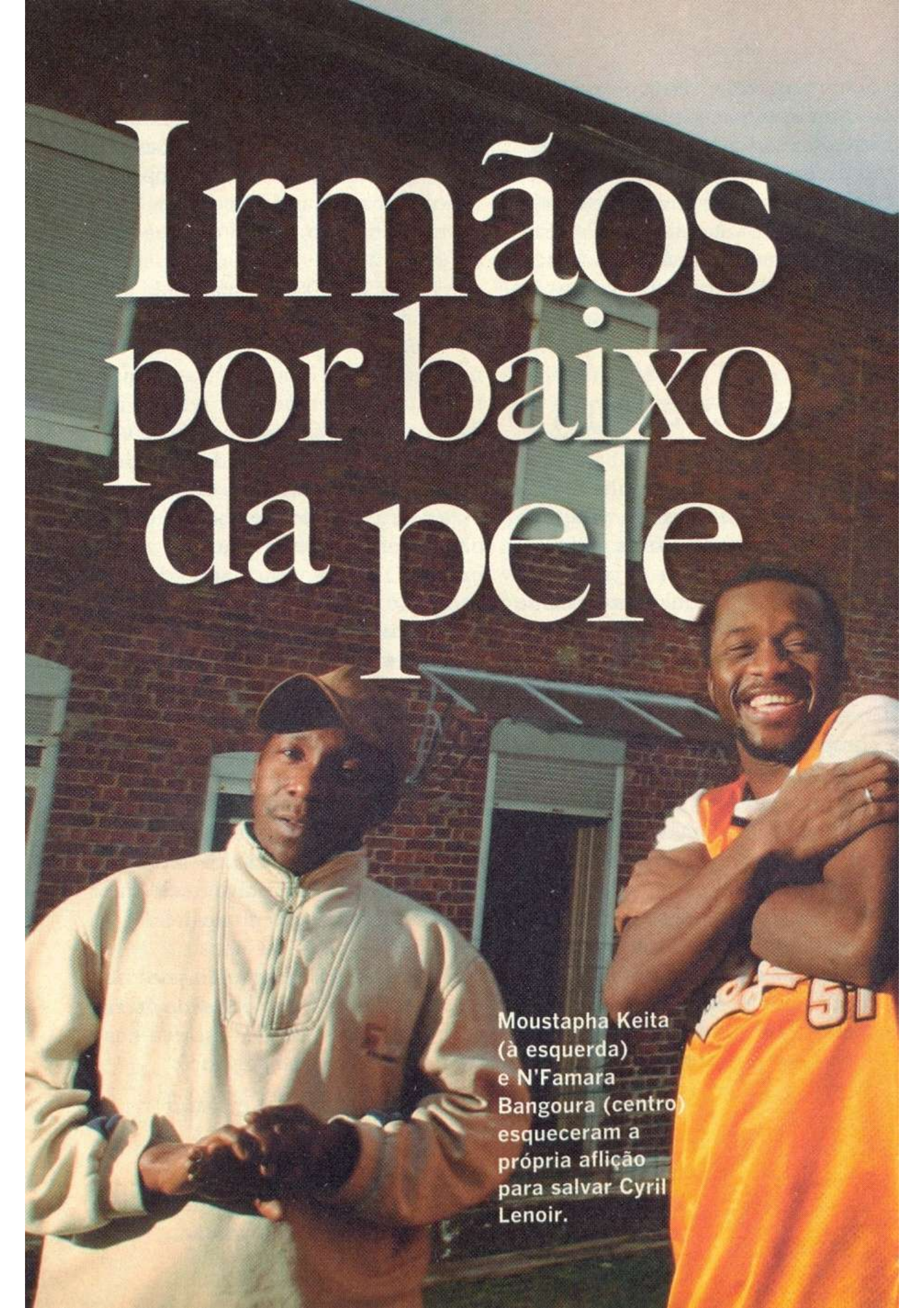



# Irmãos por baixo da pele



Moustapha Keita  
(à esquerda)  
e N'Famara  
Bangoura (centro)  
esqueceram a  
própria aflição  
para salvar Cyril  
Lenoir.





Nem mesmo em sonhos  
os dois bons samaritanos  
poderiam imaginar aonde  
o ato de bravura os levaria

POR RUDOLPH CHELMINSKI



**C**ANSADOS E sem ânimo, os dois jovens africanos abrigavam-se sob a ponte de uma antiga estrada de ferro, na cidade de Saint-Quentin, no norte da França, quando gritos desesperados de socorro ecoaram no ar. A cerca de 50 metros dali, alguém havia caído no canal – alguém que, por certo, não sabia nadar.

N’Famara Bangoura, 24 anos, e Moustapha Keita, 26, vinham passando por dificuldades. Tinham fugido da empobrecida Guiné à procura de emprego, mas, sem visto de trabalho, viviam precariamente, mendigando comida e, no caso de N’Famara, fugindo da Imigração.

Naquela noite fria de junho de 2002, já não se alimentavam havia três dias, e a roupa do corpo e uma pequena mochila às costas era tudo que tinham. Entretanto, no momento que ouviram os gritos, puseram-se de pé e desceram em disparada o caminho de cascalho.

A VIDA TAMPOUCO era fácil para Cyril Lenoir. Debilitado por um defeito na fala e uma estrutura emocional frágil, o jovem de 22 anos andava ao longo do canal quando uma mulher se aproximou com um pastor alemão enorme. Latindo furiosamente, o cão investiu contra Cyril, que, em pânico, recuou e caiu na água.

N’Famara foi o primeiro a chegar. Alto, forte e atlético, passara a vida nadando no mar que banhava sua cidade natal, Conacri. Parando apenas para tirar a jaqueta, jogou-se na água com os sapatos e tudo o mais.

Rígido de terror, Cyril agarrou-se com força a N’Famara, imobilizando-lhe os braços. Debatendo-se em grande alvoroço, os dois afundaram.

Moustapha atirou-se no canal.

Dentro da água escura, empurrando-o com as mãos e batendo as pernas, os dois jovens conduziram Cyril para a borda, onde poderiam passar o braço por cima do muro de contenção de concreto e levantá-lo até a margem.

Moustapha deitou Cyril de costas e pressionou-lhe o peito com firmeza. Quase que imediatamente o rapaz cuspiu uma grande quantidade de água e respirou fundo entre soluços entrecortados.

“Você está bem?”, Moustapha perguntou, mas a resposta de Cyril não fez sentido. Encontrava-se em estado de choque e não havia ninguém para ajudar. A mulher com o cachorro havia muito desaparecera.

“De onde você veio? Como chegou aqui?” Por quase uma hora tentaram em vão entender as palavras embaralhadas do rapaz. Frustrado, Cyril, por fim, estendeu as mãos e simulou o movimento do volante de um carro. Eles entenderam – tinha dirigido até lá!



Ajudando-o a levantar-se, N’Famara e Moustapha levaram-no ao local em que havia estacionado o carro. Recuperado, o rapaz sentou-se no banco do motorista, a cabeça contra o volante.

“Vamos lá”, disseram os rapazes. “Vamos ajudá-lo. Dirija devagar.”

Cyril partiu devagar de Saint-Quentin para a estrada principal, rumo ao norte. Quinze quilômetros depois, parou em frente a uma casa alta, de pedras, no pequeno vilarejo rural de Nauroy.

Quando Nadine Lenoir atendeu a campainha, deteve-se boquiaberta diante da cena. “Joël, venha rápido!”

## Joël compreendeu. “Vocês não têm para onde ir, não é?”

gritou. “Cyril está aqui com dois rapazes negros. Estão encharcados!”

A família Lenoir se mudara de Saint-Quentin para Nauroy poucos anos antes, a fim de alugar uma casa maior. Além de Cyril e do caçula, Jonathan, o irmão de Nadine, Maurice, morava com eles desde a morte de seus pais num acidente de carro.

Joël sustentava todos com seu modesto salário de motorista de ônibus. Viviam confortavelmente, desde que controlassem as despesas, e Joël não era homem de reclamar. Ele e a mulher tinham sofrido muito com a morte para esquecer o quanto a vida é preciosa: após o suicídio do irmão mais novo de Joël, o casal per-

dera um bebê, Michael, por conta de uma infecção.

Com Cyril ainda trêmulo, N’Famara e Moustapha contaram os detalhes do acidente. O pai estava absorto numa mistura de terror e alívio, tão perto a tragédia chegara mais uma vez. E de gratidão – uma gratidão infinita.

– Tomem – disse ele, oferecendo-lhes todo o dinheiro de que dispunha na hora, 200 euros para cada um. Para seu espanto, os desconhecidos recusaram.

– Não, não – replicou N’Famara. – Não fizemos isso por dinheiro. Apenas cumprimos nossa obrigação.

– Pelo menos ficam para jantar?

Os dois homens se entreolharam.

– Ficamos – responderam, quase ao mesmo tempo, colocando as mãos sobre o coração no tradicional gesto islâmico de sinceridade. – Muito obrigado.

Depois de vestir roupas limpas e secas dos armários da família Lenoir, N’Famara e Moustapha sentaram-se à mesa para uma refeição de talharim com ovos. Enquanto comiam e comiam, Joël e Nadine trocavam olhares.

Quando terminaram, o dono da casa ofereceu-se para levá-los de volta. Fez-se um silêncio constrangedor.



- Não é preciso - garantiram. - Voltamos a pé.

Joël insistiu. Era o mínimo que podia fazer. Mais uma vez eles recusaram, porém agora seu constrangimento era visível.

Joël compreendeu.

- Vocês não têm para onde ir, não é verdade?

N'Famara e Moustapha baixaram os olhos. Joël levou Nadine até a cozinha para uma conversa.

- Escutem - disse ele ao retornar -, temos um quarto desocupado lá em cima e está ficando tarde. Por que vocês não passam a noite aqui? Depois, veremos.

Então, limpos e barbeados, os dois rapazes dormiram em uma cama de verdade, com lençóis de verdade, pela primeira vez desde sua chegada

na cidade de Lille, ao norte, maravilhados por encontrar um contêrrâneo. Embora N'Famara fosse da capital e Moustapha, de um vilarejo no interior, ambos provinham de famílias grandes e tinham perdido o pai. Sem trabalho e esperança em casa, a Europa tornara-se irresistível.

Decidiram permanecer juntos após o encontro em Lille. Qualquer que fosse o destino a eles reservado, estavam determinados a compartilhá-lo.

NA MANHÃ SEGUINTE, depois de tomarem o café da manhã, N'Famara e Moustapha aprontaram-se para ir embora. No entanto, Joël interveio: "Não, fiquem um pouco mais. Depois resolvemos isso."

Assim, os rapazes ajudavam Nadine na cozinha, cuidavam da horta

## O pedido de asilo político de N'Famara fora negado e sua deportação era iminente.

à França - 18 meses para N'Famara e dez para Moustapha.

N'Famara viera pelo caminho mais difícil, viajando por terra durante cerca de dois meses antes de cruzar a fronteira. Moustapha conseguira uma passagem aérea e desembarcara direto na França, solicitando asilo político. Foi detido e libertado em seguida para aguardar o julgamento de seu pedido.

Os dois se conheceram por acaso

nos fundos da casa e jogavam futebol com Cyril. Mas incomodava-lhes ver Joël trabalhar tanto, quase sempre voltando no meio da noite de suas viagens de ônibus. Já alimentava cinco bocas, sete era demais.

Uma noite, pelo fim de junho, os rapazes anunciaram que partiriam no dia seguinte.

Enquanto dormiam, Cyril arrastou seu colchão até o corredor e postou-se diante da porta do quarto deles.





Não os deixaria ir. Eram mais do que seus heróis. Haviam se tornado seus irmãos.

Algo precisava ser feito. “Joël”, sugeriram os rapazes, “se você nos ajudasse a conseguir os vistos, poderíamos trabalhar e ajudar nas despesas da casa.”

Joël levou-os à prefeitura da cidade, registrou-os oficialmente como seus hóspedes e preencheu os formulários de visto de residência. Não havia razão para otimismo: o pedido de asilo político de N’Famara acabara de ser negado e sua deportação era iminente. Moustapha não nutria expectativas melhores.

Foi então que Joël teve uma inspiração: telefonou para o jornal de St. Quentin. Uma jovem repórter foi

**“É muito melhor ter dois filhos a mais do que um a menos”, diz Joël Lenoir, na foto com os rapazes e a mulher, Nadine.**

entrevistá-los e, num artigo de seis colunas, contou aquela história de bravura recompensada com hospitalidade.

Logo depois, a família viajou para passar férias na casa dos pais de Joël, nos Pireneus. Os rapazes foram junto – Cyril não iria sem eles.

Os dois jovens jamais esperaram que a generosidade de Nadine e Joël chegasse a tanto. No início de agosto, N’Famara despretensiosamente mencionou que seu aniversário estava próximo.

Nadine surpreendeu-o com um bo-



lo e Joël lhe deu um presente. Era apenas um rádio toca-fitas, mas N’Famara ficou muito emocionado. “Foi a primeira vez que tive uma festa de aniversário.”

AO RETORNAR, três semanas depois, a família Lenoir descobriu que a intuição de Joël estava certa. A cobertura da mídia havia despertado tanta simpatia pelos dois jovens africanos que amoleceu o coração das autoridades francesas.

Duas cartas foram enviadas para Nauroy. Uma delas concedia a Moustapha a condição de refugiado e garantia-lhe um visto de residência de dez anos, com permissão para trabalhar. A outra informava que o pedido de asilo político de N’Famara seria revisto. Enquanto isso, ele receberia um visto de residência de um ano, renovável, que lhe permitiria trabalhar – o primeiro passo para a permanência.

Em outubro, os dois jovens da Guiné, acompanhados de Joël Lenoir, foram os convidados de honra de uma cerimônia na Prefeitura Municipal de Nauroy.

O conselheiro regional Raymond Froment condecorou-os por bravura

com medalhas de ouro, citando seu comportamento como um exemplo brilhante a ser considerado pelo povo francês. Joël Lenoir, por sua vez, era “*un sacré Monsieur*” (um homem admirável), disse Froment. “O que ele e a mulher estão fazendo inspira o nosso mais profundo respeito.”

N’Famara e Moustapha mais do que concordaram. As lágrimas que não puderam conter diante das câmeras de TV foram a mais pura expressão de agradecimento.

ATUALMENTE, depois de ganhar algum dinheiro com trabalhos de meio expediente, N’Famara e Moustapha estão à procura de emprego fixo na região. Eles sabem que no futuro o trabalho pode afastá-los da família Lenoir. Cyril sabe disso também, e aceita – na condição de que voltem para visitá-los.

“Jamais pensei que pudéssemos ser acolhidos dessa forma por uma família branca”, admite N’Famara.

Joël Lenoir replica: “Não fiz nada de mais. Esses garotos têm muito mais mérito do que eu, porque salvaram a vida do meu filho. E posso afirmar: é muito melhor ter dois filhos a mais do que um a menos.”

## TROCANDO FIGURINHAS

Stan foi flagrado por um radar que registrava a velocidade do carro e o fotografava. Uma semana depois, ele recebeu pelo correio a foto de seu automóvel e uma multa de 40 dólares. Stan enviou à polícia a fotografia de 40 dólares. Passados alguns dias, chegou uma carta da polícia contendo outra foto: um par de algemas.



SANDRA CORONA, EUA